

A NUÁRIO ' 2018

DA SUINOCULTURA INDUSTRIAL

ISSN 2177-8930

Nº 06|2017 | ANO 40 | Edição 279 | R\$ 45,00

Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO

40 anos Frimesa

Bons motivos para sorrir

Cooperativa investe cerca de **R\$ 1 bilhão** para reestruturar sistema produtivo e pretende atingir a marca de **22 mil suínos** abatidos por dia, se tornando a quarta maior empresa de alimentos do Brasil até 2030



ANUÁRIO 2018

ANO FAVORÁVEL FAZ SETOR SEGUIR COM OTIMISMO

Produção ajustada e custos menores impulsionam expectativas promissoras para 2018



ATUALIDADES DA SUINOCULTURA BRASILEIRA

O crescimento das exportações do Brasil tem sido fundamental para absorver os aumentos de produção da suinocultura

Por_Dirceu João Duarte Talamini e Jonas Irineu dos Santos Filho

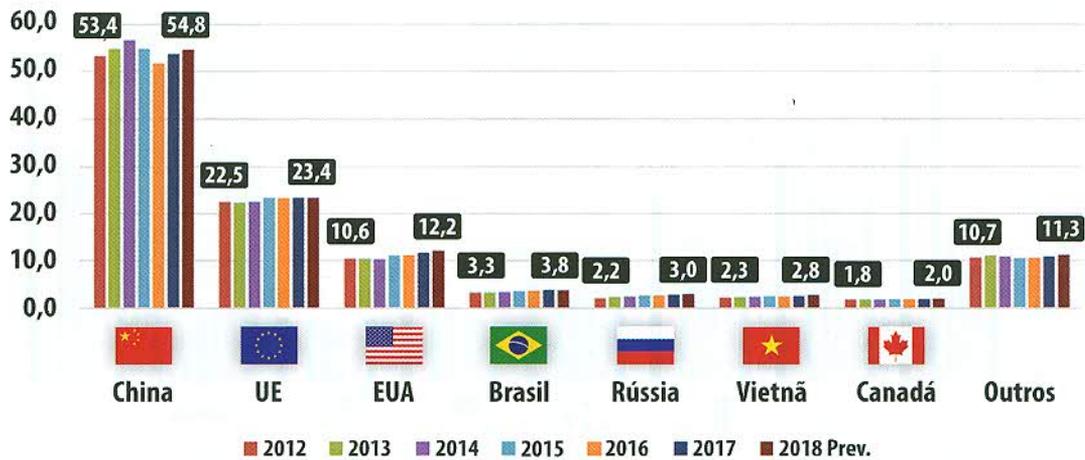
A suinocultura brasileira deve ser analisada considerando o tamanho e crescimento da sua produção total, o seu mercado interno e as suas exportações comparando sua posição quanto a estas variáveis com os principais países produtores e exportadores. Obviamente, a carne suína participa das cadeias da proteína animal, concorrendo pela preferência dos compradores principalmente com a carne de frangos e de bovinos. A carne suína ainda é a mais produzida e consumida no mundo, contudo, a produção e o consumo da carne de frango estão crescendo mais rapidamente e prevê-se que em poucos anos ela se torne a de maior produção e consumo no mundo.

Iniciamos nossa análise observando na Figura 01 a evolução da produção de carne suína nos principais países a partir de 2012, já com as previsões para 2018. A suinocul-

tura mundial apresenta algumas particularidades, onde a China é o maior produtor mundial, respondendo por quase a metade da produção e consumo do mundo. Em segunda posição, aparece a União Europeia (UE) dos 28 países membros, Estados Unidos (USA), Brasil e Rússia. Estes cinco países, e também o mundo, apresentaram algum crescimento da produção neste período considerado.

A Figura 02 mostra a participação dos principais países na produção mundial de carne suína e as alterações que ocorreram entre 2012 e 2017. A China detinha em 2012 exatos 50% da produção mundial e deve cair para perto de 48% em 2017. Importante assinalar que em 2014 a produção chinesa atingiu 56,7 milhões de toneladas, enquanto estima-se que em 2017 deve ser de 53,5 milhões de toneladas. Devido aos enormes volumes produzidos, observa-

Figura 01. Principais países produtores de carne suína, milhões de toneladas, 2012 a 2018



se que esta redução de 3,2 milhões de toneladas é quase o volume de toda a produção brasileira. Esta redução da produção explica o crescimento das importações chinesas, pois mantendo-se o hábito de consumo de carnes pela população, este é um imenso mercado a ser suprido pelos países exportadores.

No que se refere a participação dos países na produção mundial, a União Europeia manteve seu *share* praticamente inalterado, enquanto que os Estados Unidos, Brasil, Rússia e Canadá ampliaram-no, compensando a perda de participação da China e dos demais países. O Brasil, apesar do crescimento anual contínuo da produção, está entre os países de pequena produção, mantendo os cerca de 3% de participação no total mundial.

A produção e o comércio mundial de carnes têm sido bastante estável. Neste período mais recente considerado, a novidade no cenário internacional da suinocultura foi a redução da produção chinesa, comentada anteriormente. A consequência tem sido o aumento das importações chinesas para atender a demanda interna de carnes, decorrente do crescimento da população e da renda per capita. Assim, a China, além de possuir o status de maior produtor e con-

sumidor mundial de carne suína, passou a ser também o maior importador, atingindo um máximo de 2,3 milhões de toneladas ou 29% das importações mundiais em 2016, caindo no ano seguinte para cerca de 1,6 milhão de toneladas. Em 2012, importava 0,7 milhão de toneladas ou 11%

Figura 02. Participação dos principais países na produção mundial de carne suína em 2012 e 2017

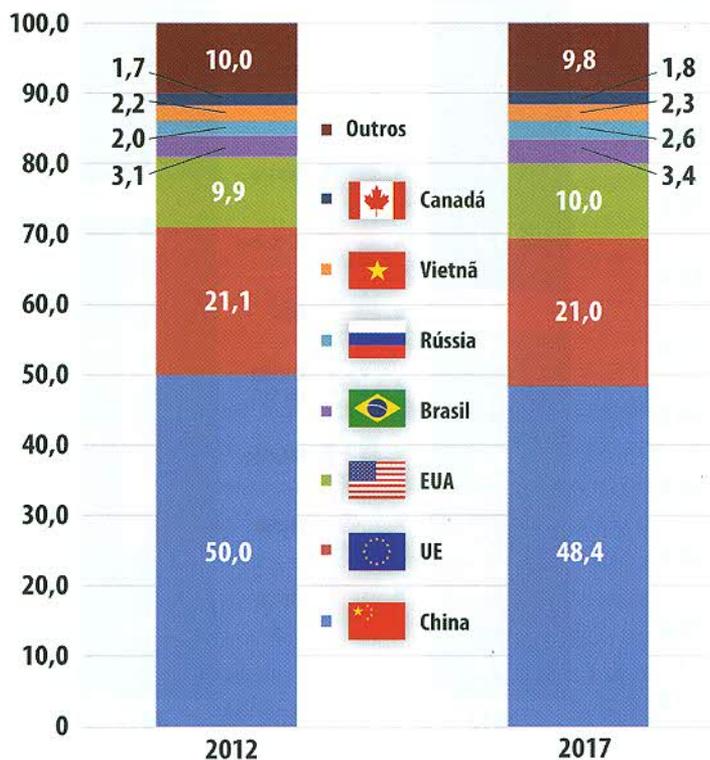
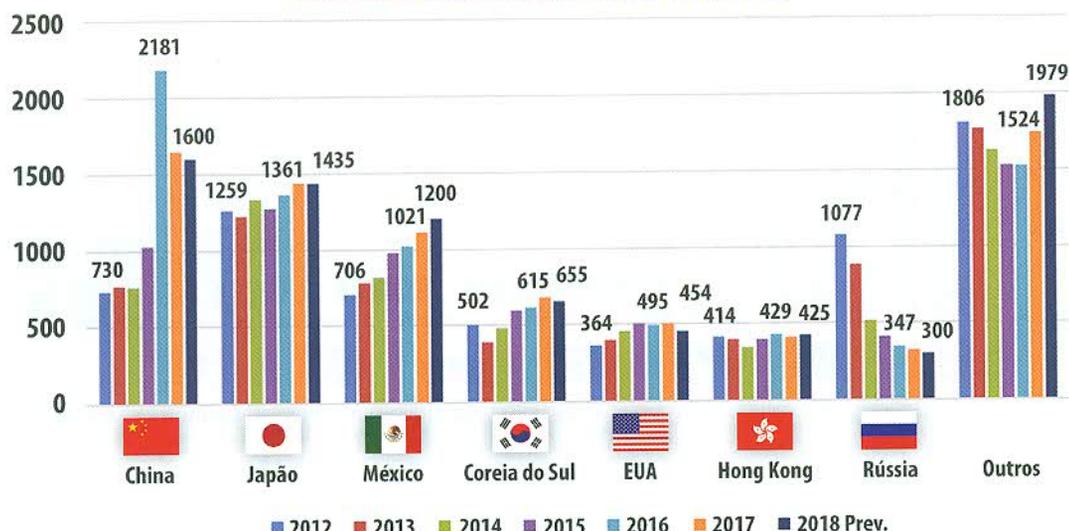


Figura 03. Principais países importadores de carne suína, milhões de toneladas, 2012 a 2018 (Prev.)



do total mundial (Figura 03).

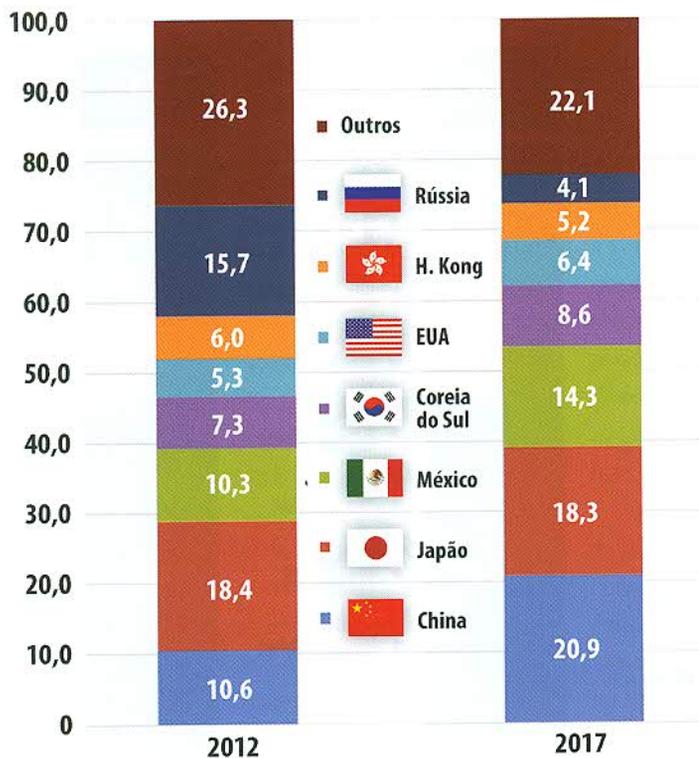
A participação dos principais países importadores de carne suína no total mundial pode ser observada na Figura 04, abaixo. A Rússia era um dos principais países impor-

tadores e, após muitos anos tentando aumentar a produção, está tendo êxito nas suas políticas governamentais de fomento, devendo atingir 3 milhões de toneladas em 2018. O crescimento da sua produção interna tem possi-

ibilitado a redução das importações, que foram acima de 1 milhão de toneladas em 2012, representando 16% das compras mundiais, e devem cair para cerca de 300 mil toneladas em 2017, correspondendo a 5% das importações mundiais. Merece destaque o crescimento significativo das compras do México, Coreia do Sul e Japão. Os Estados Unidos e Hong Kong apresentaram pequenas variações nas suas importações.

O mercado exportador de carne suína é bastante concentrado, no qual a União Europeia e os Estados Unidos devem atender 65,2% da demanda externa em 2017. Incluindo os outros dois maiores exportadores, Canadá e Brasil, constata-se que 91% das exportações mundiais são atendidas pelos quatro maiores exportadores. Nos últimos anos, poucas alterações ocorreram no mercado mundial. A União Europeia, após um período de crescimento das suas exportações de carne suína, que eram de 2,17 milhões de toneladas em 2012, tiveram um ex-

Figura 04. Participação dos principais países na importação mundial de carne suína, 2012 e 2017



Fonte: USDA

Figura 06. Brasil: Produção e exportação de carne suína, milhões de toneladas e participação (%) das exportações



Fonte: USDA

que devem se manter em 2017 e 2018, conforme mostra a Figura 06.

O crescimento das exportações do Brasil tem sido fundamental para absorver os aumentos de produção da suinocultura, em especial neste período de recessão, de alto desemprego e de crise na economia do país, que afetam negativamente o consumo interno. Segundo dados divulgados pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Estatísticas e Dados Básicos de Economia Agrícola, set/2016), o valor médio da tonelada da carne suína in natura exportada, considerando o período de janeiro a agosto dos anos de 2015, 2016 e 2017 foi de US\$ 2.594, US\$ 1.976 e US\$ 2.507, respectivamente. Em 2016, ocorreu uma redução de 23,8% no valor da tonelada da carne e apesar do crescimento de quase 42% no volume exportado a receita total em dólares subiu apenas 7,7%. O valor da tonelada exportada em dólares não é um indicador robusto da rentabilidade da cadeia brasileira, a qual depende diretamente da taxa de câmbio e dos custos

de produção. O ano de 2016 foi marcado pelos altos preços do milho no Brasil, que afetaram as receitas tanto dos produtores independentes quanto das empresas líderes de integrações, processadoras de carne e exportadoras. Os aumentos dos custos não puderam ser transferidos ao preço da carne exportada como pode ser visto na Tabela 01 e na Figura 07, abaixo.

Em 2016, os preços internacionais, a crise econômica e ainda os altos custos de produção reduziram a rentabilidade de toda a cadeia produtiva de suínos do Brasil, atingindo o produtor rural e as indústrias bem como o setor de varejo, o que pode ser observado nos balanços publicados das empresas.

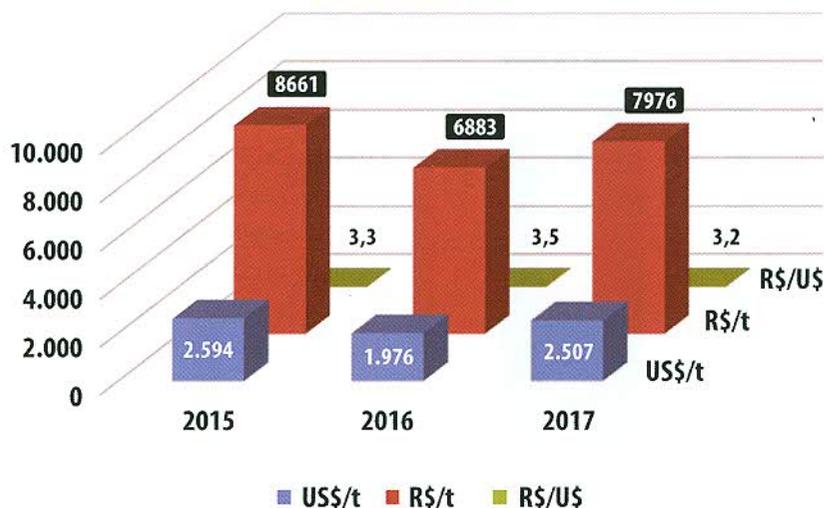
O mercado mundial de suínos é relativamente pequeno e com a aplicação de muitas barreiras técnicas e econômicas. O Brasil tem obtido sucesso no crescimento das suas vendas externas. Analisando o destino das exportações brasileiras nos dois últimos anos, observa-se algumas alterações importantes. A primeira é a queda das compras

Tabela 01. Exportações brasileiras de carne suína, Janeiro a Agosto de 2015 a 2017

	Valor (US\$ milhões)			Quantidade (mil toneladas)			Preço Médio (US\$/t)		
	2015	2016	2017	2015	2016	2017	2015	2016	2017
Carne Suína	816	885	1.098	332	470	460	2.457	1.881	2.385
<i>In natura</i>	754	812	1.006	291	411	401	2.594	1.976	2.507

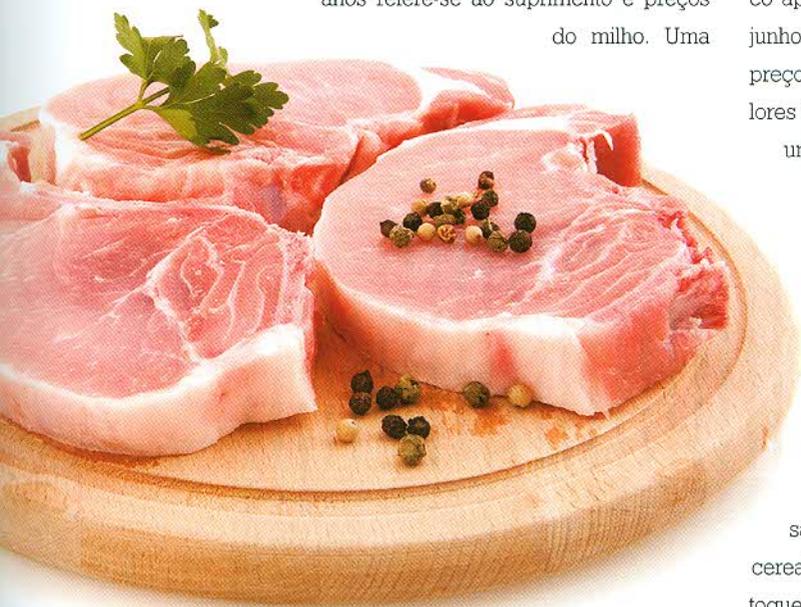
Fonte: Mapa, 2016/1

Figura 07. Valor da carne suína in natura, US\$ e R\$ por tonelada e câmbio R\$/US\$



da Rússia, cerca de 11% entre 2015 e 2016, o que está de consistente com o crescimento da sua produção interna, mostrada anteriormente. O Brasil, contudo, ainda permanece como maior fornecedor da Rússia. A China, em compensação, tem se mostrado um mercado promissor e aumentou em 11% suas compras do Brasil. Hong Kong é o segundo maior comprador de produtos suínos do nosso país, absorvendo 22,7% das exportações de 2016, e juntamente com Rússia e China adquirindo cerca de 70% das nossas vendas externas (Figura 08).

Um item que tem preocupado muito as cadeias da produção animal intensiva brasileiras nos últimos anos refere-se ao suprimento e preços do milho. Uma



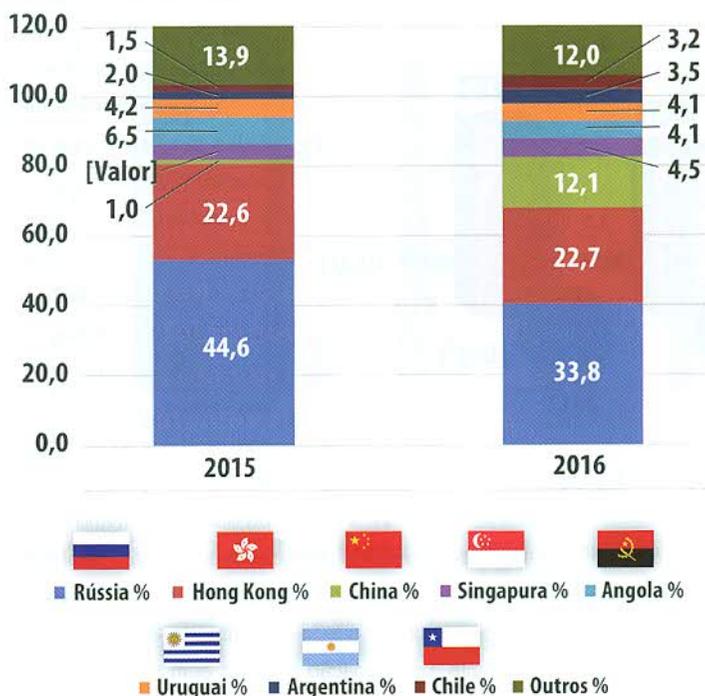
das mais graves crises relacionadas a este insumo ocorreu em 2016 decorrente da quebra da safra do milho, alta exportação e, conseqüentemente, elevados preços no mercado interno. Muitos produtores e indústrias apresentaram prejuízos em seus balanços. A excelente safra de milho em 2017 trouxe os preços deste cereal para seu preço normal, mas, com a elevação dos seus custos de produção, os produtores de milho consi-

deram a rentabilidade insuficiente e sinalizam importantes reduções de plantio e, mesmo com o clima correndo bem, ocasionando queda da safra de 2018, trazendo, novamente, preocupação ao setor com o suprimento e preços deste cereal.

O preço do milho em Chapecó, município situado no oeste do estado de Santa Catarina, grande centro de produção e industrialização da carne e que apresenta o maior déficit deste cereal no país é um termômetro do mercado brasileiro deste cereal, principal componente da alimentação da produção animal intensiva. Em 2016, os preços do milho no mercado do atacado em Chapecó apresentaram uma elevação anormal, atingindo em junho e agosto perto de R\$ 54,00 por saca. Em 2017, os preços apresentaram queda, chegando aos menores valores no mês de junho, de R\$ 26,75 por saca, e iniciando uma elevação a partir daí e atingindo R\$ 35,00 na primeira quinzena de novembro, valores ainda próximos da normalidade para a época (Figura 09).

O sonho catarinense de viabilizar o transporte do milho do Mato Grosso, com transporte ferroviário, de menor custo, não deve acontecer nos próximos anos e talvez nem nas próximas décadas. Assim, para sustentar o crescimento da produção animal do Brasil, manter nossa presença no mercado exportador de milho é necessário uma atenção cuidadosa dos consumidores do cereal no sentido da aquisição e manutenção de seus estoques, evitando exportar o produto e, após, na sua falta,

Figura 08. Participação dos principais países importadores de produtos de suínos do Brasil, 2015 e 2016



Fonte: ABPA/Mdic

necessitar importá-lo, o que pode afetar negativamente a competitividade da produção brasileira.

Os estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul são,

historicamente, deficientes no atendimento do seu consumo de milho com produção própria. Assim, é muito importante estimular o crescimento da sua produção, em especial nestes dois estados, visando reduzir a dependência de outros fornecedores. A Secretaria da Agricultura, agroindústrias, produtores e entidades representativas estão desenvolvendo iniciativas para aumentar a produção e manter a produção animal dos Estados. O aumento da produção pode se dar via aumento da produtividade ou da área cultivada, reduzindo a área de plantio da soja ou de outras culturas. O preço do milho ao produtor, a lucratividade da lavoura e a estabilidade do mercado são alguns dos motivadores para o crescimento da oferta. O Paraguai e a Argentina, países-membros do Mercosul, são importantes fornecedores, em especial dos dois estados sulistas deficitários, onde, espera-se, os preços de 2017 e as

condições climáticas favoráveis motivem o crescimento da produção.

O Brasil tornou-se um grande exportador e deve continu-

Figura 09. Preço do milho em Chapecó, Santa Catarina, 2015 a Nov 2017 (R\$/saca no atacado)



Figura 10. Volumes importados e exportados de milho pelo Brasil e preços em dólares por tonelada



Fonte: Decex/Secex/Mapa
*Janeiro a Setembro de 2017

ar neste mercado, com volumes que dependerão dos preços internos e internacionais bem como da taxa de câmbio. O ano de 2015 estabeleceu o recorde de exportação, com um total de 28,9 milhões de toneladas e mais de US\$ 5 bilhões, colocando o milho em grãos entre os principais produtos exportados pelo país. No ano seguinte, em 2016, mesmo com a quebra de safra e elevados preços internos, as exportações continuaram, mas em menor volume, ao passo que as importações aumentaram, atingindo 2,9 milhões de toneladas. O interessante da cadeia brasileira do milho foi a sua rápida inserção no mercado mundial, principalmente como exportador, mas também estabelecendo redes e rotas de importação. Outro aspecto que merece ser comentado refere-se aos preços da tonelada do milho importado e exportado, onde o valor de exportação foi maior que o da importação, com exceção dos anos de 2016 e 2017. Os volumes importados, contudo, são pequenos e o preço perde representatividade, mas acreditamos que indica certa diferenciação e agregação de valor no produto exportado em relação ao importado, que desaparece à medida que o país intensifica sua participação no comércio internacional (Figura 10).

Concluindo este olhar sobre a suinocultura brasileira,

podemos dizer que 2017 estava transcorrendo dentro da normalidade, mas no final do ano surgiu a comunicação da Rússia sobre a interrupção das suas importações a partir de dezembro do corrente ano. As exportações brasileiras cresceram em 2017, superaram as do ano anterior, e como a maior parte dos embarques já foi realizada, não deve causar transtornos ao setor. Acredita-se também que as festas de final de ano e a retomada do consumo interno absorvam a produção e ajudem a manter os preços da suinocultura. As preocupações se voltam para o abastecimento e preços do milho em 2018, decorrente da previsão de menor safra e, no sentido macro, de quem deve ser eleito presidente do Brasil e qual deverá ser seu plano de governo, situação que afeta toda a economia nacional. As dificuldades históricas e tradicionais causadas pela burocracia excessiva, deficiências de infraestrutura, de logística, da legislação trabalhista, do peso e complexidade da tributação, temas recorrentes no debate político-econômico nacional, devem ainda manter-se como sérios entraves ao desenvolvimento do país. Entretanto, não devemos perder o otimismo, superar as crises e acreditar que, apesar de lentamente, estamos andando na direção correta e evoluindo nos nossos indicadores de desenvolvimento. ■